

Entre o universo dentro de uma casca de noz e aquele incluído em nós (o enigma da alma)

Shafak Regina Abu-Hilu Cafruni¹

RESUMO

Este trabalho, tendo como pano de fundo a psicanálise, procura construir laços entre os enigmas da criação: o do Universo, o da vida e da mente. Além disso, sob à luz da teoria freudiana, objetiva buscar explicações, não só para as origens do nosso psiquismo, mas também para a importância da aquisição de certas qualidades psíquicas. Estes atributos são fundamentais para que nos tornemos seres humanos éticos e criativos.

Palavras-chave: Origem do psiquismo. Libido. Pulsão de vida. Pulsão de morte. Masoquismo erógeno primário.

“Há mais coisas entre o céu e terra do que sonha nossa vã filosofia”

(William Shakespeare)

“Não sei se Deus criou Shakespeare, mas sei que Shakespeare é o grande responsável pela nossa criação”

(Harold Bloom)

1 Psicanalista. Membro associado do CEPdePA.

A existência do Universo, da vida e do homem incita há muito tempo cientistas, filósofos, agnósticos e religiosos a procurar explicações para esses enigmas. “Afinal, por que existe algo em vez do nada?”, questiona-se Gottfried Leibniz (1714), no século XVIII. O nada pode ser muito... Assim como na estória *Alice no País das Maravilhas*, em que o Rei pergunta à menina: “O que você sabe sobre a questão?” e Alice responde: “Absolutamente nada.”. O rei, impressionadíssimo, comenta: “Isso é muito importante.” (CARROLL, 2010, p. 194).

Os questionamentos sobre como e quando começaram as origens do Universo, da vida e do psiquismo nos perseguem desde sempre. “Vivemos em um mundo desconcertante. Tentamos dar sentido ao que vemos à nossa volta e perguntamos: Qual a natureza do Universo? Qual o lugar que ocupamos nele e ele em nós? Por que é exatamente desse jeito?” (HAWKING, 1988, p. 233). Para o físico Marcelo Gleiser (2005, p. 268), ganhador do prêmio Templeton de 2019², essas questões podem ser agrupadas como o “[...] mistério das três origens: a do Universo, a da vida e a da mente.”. E é justamente sobre esses enigmas e os laços possíveis entre eles, utilizando a psicanálise como o fio condutor, que me proponho a escrever. No entanto, não o farei sozinha, mas deixarei que a identidade da outra narradora, seja por ela revelada.

Uma apresentação, seria um bom começo. Ah! Se seria..., no entanto, antes de revelar-me, quero que me entendas melhor! Por isso, venha comigo, também estarei presente nesta história!

1 AS ORIGENS

Os seres humanos, na vã tentativa de buscar respostas e certezas, acabam por se deparar com as dúvidas, enganos e mistérios, principalmente os da criação! A ciência, apesar da sua objetividade, não deixa de ser fruto da imaginação e da descrição humana e, desta forma, está sujeita a

2 Marcelo Gleiser é cientista de renome mundial e professor titular de filosofia natural, de física e astronomia na Dartmouth College. Em 2019 ganhou o Prêmio Templeton, considerado o “Nobel da espiritualidade”, um dos mais prestigiados do mundo. Foi o primeiro latino americano a recebê-lo.

equívocos. As verdades obtidas através de algumas leis da física, mesmo as mais elaboradas como a da relatividade de Einstein, funcionam dentro de certos limites. Sempre algum fenômeno poderá não ser explicado ou novas evoluções científicas poderão acontecer (GLEISER, 2010).

Alguns desses enganos científicos, ao serem revelados, infringiram um grande golpe ao amor-próprio universal dos homens, constituindo as três feridas narcísicas da humanidade, conforme Freud (1917). A primeira delas foi quando Copérnico revelou que a Terra não era o centro do Universo; a segunda foi o estudo sobre a evolução das espécies de Charles Darwin, que classifica o homem como um animal; o terceiro golpe, que talvez seja o que mais fere, foi a evidência de que “[...] o ego não é senhor da sua própria morada”, pois está submetido aos processos mentais inconscientes (FREUD, 1917, p. 90).

A lista dos equívocos científicos é grande... No entanto, a descoberta feita em 1929 por Edwin Hubble talvez seja a que tenha provocado a maior revolução intelectual no século passado, porque mudou drasticamente a discussão sobre a origem do universo. Hubble constatou que o universo não era estático como se pensava: ao contrário, está sempre em expansão (HAWKING, 1988). Até mesmo o próprio Einstein mostrou-se surpreso com essa revelação, pois a ideia do Universo em expansão parecia sem sentido, mesmo que a teoria da relatividade tenha previsto este fenômeno (BRIAN, 1998).

Se o Universo continua se expandindo, é provável que na sua infância ele tenha sido menor e mais denso, hipótese comprovada em 1965 por Arno Penzias e Robert Wilson (GLEISER, 2010). A teoria dominante dos cientistas atuais é a de que o Universo se originou de uma combustão intensa (deflagração), um “*BING-BANG*”³! Pode-se dizer que é se desintegrando que o mundo se organiza (MORIN, 2015). Estas descobertas alcançaram uma dimensão mítica, pois, assim como

3 O *Bing-Bang* não era o único modelo existente, mas de todos foi o único capaz de explicar de forma natural as radiações descobertas por Penzias e Wilson. Com estes estudos, a compreensão do universo passou a utilizar não só os conceitos da física do muito grande, mas fez-se necessário aplicar as teorias da física do muito pequeno (mecânica quântica) (GLEISER, 2010).

nós, o Universo possui uma história, um nascimento e um crescimento que se mantém até hoje (GLEISER, 2010).

A vida na Terra surgiu pela transformação de compostos inorgânicos em orgânicos, provavelmente através de descargas elétricas. Estes compostos orgânicos precisaram reagir entre si em um meio propício, criando moléculas cada vez mais complexas como as proteínas e os ácidos nucleicos. De alguma forma, as reações químicas inanimadas deram origem ao primeiro ser vivo. Os primeiros membros do gênero *Homo* foram surgir na África, somente em torno de 4 milhões de anos atrás (GLEISER, 2010). Com a evolução da nossa espécie e a aquisição da postura ereta, a cerebralização e a sexualidade sofreram mudanças importantes (ANDRÉ, 2016). A inteligência, como a conhecemos hoje, está presente apenas a 0,02% da história do nosso planeta, o que corresponde a menos de um milhão de anos (GLEISER, 2010).

“Analogias biológicas de peso nos fazem crer que a evolução psíquica do indivíduo, repete de forma abreviada o curso da evolução da humanidade [...]”

(Sigmund Freud)

Finalmente, após a passagem de muitos bilhões de anos, chegamos a um dos pontos principais da proposta deste trabalho, que não é o de decifrar a alma humana apenas, pois isso seria muito amplo, mas tentar elucidar o nascimento do nosso psiquismo. Lembramos que a vida na Terra primordial, possivelmente, teve seu início pela ação da eletricidade proveniente das constantes tempestades, transformando compostos inorgânicos em orgânicos (GLEISER, 2010). Assim, interrogo-me: quais são as “faíscas” elétricas lançadas sobre o nosso corpo biológico primitivo que seriam capazes de acender e originar o nosso psiquismo?

Para tentar responder à pergunta acima, necessito de um percurso sobre algo que causou estranheza e espanto a Freud: a agressividade! No mesmo ano em que escreveu os textos metapsicológicos, Freud foi conferencista na Universidade de Viena (Conferências In-

trodutórias de 1915 e 1917). Nesta ocasião, solicitou aos seus ouvintes que prestassem atenção na brutalidade, crueldade e falsidade com que a guerra se espalhava pelo mundo civilizado, e que, além disso, o mal fosse admitido como parte essencial da natureza humana (GAY, 2004). As questões da destrutividade que se evidenciaram com o grande número de mortes nesse período e com a revelação da selvageria humana levaram Freud a atribuir papel importante à agressividade.

Apesar de Freud já ter incluído a agressividade em sua teoria, quando da teorização do sadismo, por exemplo, ficou desconcertado ao perceber o quanto havia hesitado em “[...] elevar a agressividade a um rival da libido.” (GAY, 2004, p. 364). Um tanto surpreso, apercebeu-se tardiamente de sua recusa defensiva em conceber tal pulsão, voltando seus pensamentos para os idos de 1911, quando a psicanalista russa Sabina Spielrein fez uma apresentação em uma das reuniões de quarta-feira e no ano seguinte publicou um artigo pioneiro e brilhante com o título *A destruição como causa do vir-a-ser*. Talvez Freud tenha necessitado de um tempo para rever as questões relativas à destrutividade, talvez um tempo em que estivesse mais preparado a elas, inclusive para poder comunicá-las... (GAY, 2004).

Com o término da primeira guerra, que assolou o continente europeu, fui obrigada a carregar alguns humanos no colo. Muitos deles, precocemente. Posso ser empática, mas não simpática. Confesso que alguns momentos me emocionaram, como no dia que bati à porta da Bergasse, 19...

O destino faz Freud deparar-se ironicamente com o que lhe havia sido poupado durante a guerra, a mortalidade! Sua querida filha, Sophie, faleceu em consequência da gripe espanhola. Ela estava grávida do seu terceiro filho. “Não se preocupe comigo [...] Sou o mesmo, salvo por um pouco mais de cansaço.”, confidenciou a Ferenczi (GAY, 2004, p. 361). Apesar de muito dolorosa a morte de sua filha, a atitude de Freud em relação à vida não foi alterada.

Atravessado pelas questões da agressividade, das consequências traumáticas da guerra, incluindo os sonhos traumáticos e algumas evidências clínicas como a repetição na transferência e o brincar infantil (*fort-da*), fizeram Freud interrogar-se sobre a validade do seu método e da postulação de que os processos psíquicos funcionariam segundo o princípio de prazer, ou seja, o aumento das intensidades em uma instância psíquica configuraria desprazer e a diminuição destas, resultaria prazer. Portanto, como podem algumas situações desprazerosas tenderem a repetição? Assim, o princípio de prazer é posto em xeque e confrontado no *Além do princípio de prazer*, texto difícil de 1920, que começa a ser escrito no ano anterior.

No verão de 1919 Freud escreve uma carta a Lou Andreas-Salomé, onde confidencia à amiga que tropeçara em uma ideia estranha, pela via das pulsões: “Para a minha velhice escolhi o tema da morte. Defrontei-me com uma noção notável baseada em minha teoria dos instintos e agora preciso ler todo o tipo de coisa a ela pertinente, como, por exemplo, Schopenhauer, pela primeira vez. Mas não gosto de ler” (FREUD, 1919, p. 133).

2 ALÉM DA BRUXA DE 1915

O resultado destes questionamentos foi a conclusão de que existem duas forças fundamentais na mente, Eros e a Morte, travando uma batalha permanente. Algumas pulsões, revelou Freud, não querem a inovação e novas experiências, mas procuram o restabelecimento de um estado inorgânico anterior. Em suma, se tudo que é vivo retorna ao inorgânico, morre, podemos concluir que o objetivo de toda a vida é a morte (FREUD, 1920). Freud estava apresentando, então, o conceito teórico de **Pulsão de Morte**.

Ao longo dos séculos estive presente em guerras, epidemias revoluções. Como os humanos podem ser tão medíocres e tão geniais; tão generosos e tão cruéis? A única certeza que sei: a humanidade me espanta!

Para espanto de Freud, o texto *Além do princípio de prazer* veio a alcançar uma certa fama, mesmo que até hoje seja rejeitado por muitos psicanalistas. Por esta obra, comentou com Eitingon em março de 1921, “[...] fui suficientemente castigado; ele é muito popular, traz a mim montes de cartas e elogios. Devo ter feito alguma coisa de muito estúpida” (GAY, 2004, p. 370). Freud quis deixar claro que este trabalho seria apenas parte de algo muito maior. Talvez Freud estivesse referindo-se ao texto sobre *O Ego e o Id* de 1923, que apesar de muito importante, por razões didáticas, não vou apresentá-lo aqui.

Após esta breve caminhada sobre a agressividade e a pulsão de morte, temos subsídios para irmos mais adiante. Em *O problema econômico do masoquismo* (1924), Freud segue intrigado com o mistério da comprovação clínica da existência de uma tendência masoquista da vida pulsional, “Pois se os processos mentais são governados pelo princípio de prazer [...]” (FREUD, 1924 a, p. 94), onde o desprazer é evitado, o prazer no sofrimento seria mesmo um enigma. Freud avança, neste artigo, na importância metapsicológica do conceito da pulsão de morte.

Ao observar que existem tensões prazerosas e relaxamentos desprazerosos, citando como o exemplo a tensão sexual, Freud constata que somente a diminuição ou aumento das intensidades não configurariam prazer e desprazer, existe outro fator envolvido que interfere nos processos mentais: o qualitativo! Talvez, por esta via, poderíamos compreender o masoquismo, que é classificado por FREUD (1924a) sobre três formas: erógeno (libidinizado), feminino (expressão da passividade) e moral (norma de comportamento). Ao dizer que a essência do masoquismo primário e erógeno deva ser procurada pelas vias biológicas e constitucionais, Freud está sinalizando que há grandes possibilidades de o masoquismo primário e erógeno estar envolvidos na trama “dos assuntos obscuros”, ou seja, na trama enigmática das nossas origens. Então, é necessário que nos aproximemos dele:

A libido encontra nos seres vivos [...] o instinto de morte ou destruição que neles vigora, que busca

desintegrar este ser e conduzir cada um dos organismos elementares ao estado de inorgânica estabilidade [...]. Ela tem a tarefa de fazer inócuo esse instinto destruidor, e a cumpre desviando-o em boa parte [...] para fora [...]. Uma outra parte não realiza essa transposição para fora, permanece no organismo e, com a ajuda da mencionada excitação sexual concomitante, torna-se ligada libidinalmente, nela devemos reconhecer o masoquismo original erógeno (FREUD, 1924b, p. 191).

Para Benno Rosenberg (2003), tudo o que se disser sobre masoquismo erógeno está contido na citação acima. Ao afirmar que a libido, ao encontrar os seres vivos, depara-se com o reinado da pulsão de morte, Freud leva-nos a deduzir que a pulsão de morte está presente desde as nossas origens, referindo-se mais tarde a ela como a pulsão por excelência (FREUD, 1930).

O autor lembra que, embora Freud tenha dito em 1914 que o objetivo de uma pulsão é sempre a sua satisfação, a situação descrita teoricamente para o masoquismo erógeno primário é totalmente diferente, pois este está fundamentado, levando-se em conta principalmente a pulsão de morte, que não passa unicamente pelo objeto, mas primeiramente pelo [que virá a ser] sujeito.

Assim sendo, segundo Rosenberg (2003), Freud apresenta o masoquismo erógeno primário - a intricação pulsional primária - não só como o meio, mas único meio que podemos dispor nas origens para impedir a meta da pulsão de morte, ou seja, a nossa destruição. Este autor conclui, então: **Se o masoquismo primário é o “[...] ponto de encontro do sujeito consigo mesmo, ele torna-se assim o lugar onde o sujeito nasce para si mesmo, onde o Eu se constitui.”** (ROSENBERG, 2003, p. 100).

“Como poderemos imaginar a vida sem sofrimento? Como podemos tolerar o sofrimento se não estiver intrinsecamente ligado à libido, [...] erotizado?” pergunta-nos Aisentein (2019, p. 6). Para ilustrar as suas considerações, esta autora nos convoca a imaginarmos um

bebê com fome e frio, esperando a sua demanda ser atendida pela ação específica da mãe; ele está sofrendo, mas para transformar esse sofrimento em alucinação desejante, ele precisa investir masoquistamente no doloroso processo de espera. A mãe (ou pai)⁴ “[...] suficientemente boa tem a capacidade de fazer o bebê esperar, sem abandoná-lo, envolvendo-o em um banho de palavras.” (AISENSTEIN, 2019, p. 5). Ocorre assim, na mente da criança, a fusão pulsional. No entanto, se o objeto primário for ou excitante demais ou ausente, a fusão pulsional será insuficiente ou inexistente, conclui a autora.

Sobre o masoquismo erógeno primário, depositam-se os primeiros clamores pulsionais, tanto do sujeito quanto do objeto. A união dessas duas moções pulsionais é a essência desse masoquismo erógeno primário. Assim posto, Machado e Paim Filho (2018) vão propor que o masoquismo primário e erógeno não seria só mais um destino pulsional, mas o primeiro deles, a matriz fundante do nosso psiquismo.

Gostaria de ressaltar o conceito trazido por Rosenberg (2003), sem, no entanto, me deter em seus desdobramentos, pois eles, por si só, poderiam ser tema de outro trabalho. Em seu estudo, ele apresenta a ideia de que o masoquismo erógeno primário é o *guardião da vida*, pois a pulsão de morte, ao ser enlaçada pela libido, permite ao sujeito suportar a dor, possibilitando a espera, os adiamentos... Contudo, o risco para esta condição é quando esta vivência é intensificada e o prazer da excitação ocorre em prejuízo ao prazer da descarga objetal, transformando, desta maneira, o masoquismo em *mortífero*. As drogadições são um bom exemplo desta situação. Esse interjogo masoquismo *guardião da vida* e masoquismo *mortífero*, intricação e desintricação, constituem a dimensão masoquista do ser humano e acompanhará o sujeito ao longo da sua existência, tendo seus destinos e repercussões conforme as diferentes constelações psíquicas (MACHADO; PAIM FILHO, 2018).

Ao falarmos de uma dimensão masoquista, somos levados a problemática da intricação pulsional, pois onde ela acontece a desintricação é

4 Ou qualquer pessoa que exerça a função materna.

sempre uma possibilidade... Muito poderia ser dito sobre esta dinâmica - intricação e desintração - e seus impactos, tanto positivos quanto patológicos sobre o psiquismo. Contudo, vou me reportar a Aisenstein (2019), pois ela traz uma hipótese à defusão pulsional, na qual diz respeito às origens do psiquismo. Segundo a autora, esta seria uma tendência que pode se apresentar sempre que o sujeito estiver frente a uma condição traumática, principalmente quando o masoquismo erógeno primário deste se apresentar insuficientemente intricado.

Com as considerações vistas acima, evidenciamos a relevância dos primeiros investimentos pulsionais. Desta forma, o mistério das nossas origens apresenta-se agora menos nebuloso, mas não menos enigmático. Assim sendo, abre-se o caminho para um importante interrogante: Se a pulsão de morte está presente desde o início, onde somos apenas proteína organizada e pura intensidade a procura de descarga, qual seria a origem da pulsão de vida? Quanto a esta questão, Freud não a responde claramente, mas nos dá indícios... Ele nos leva a pensar que a libido, energia da pulsão de vida, descende do objeto. Uma destas evidências encontramos no texto de 1924: “A libido encontra os seres vivos [...] o instinto de morte ou destruição que neles vigora [...]” (FREUD, 1924b, p. 191). A outra, no texto de 1930, *O mal-estar da civilização*, onde é referida a onipresença somente da pulsão de morte nos seres vivos.

Desse modo, tal qual uma tocha olímpica que passa adiante a chama dos nossos ancestrais, a libido carrega e transmite uma história. A pulsão de vida tem como objetivo integrar, ligar e, para Benno Rosenberg (2003, p. 183), a própria definição desta pulsão detém “[...] uma remanescência do passado no presente, o que funda assim o valor historizante desta pulsão.”

A pulsão de vida, assim como fez Sherazade com o rei Shariar, enlaça, amacia a força da pulsão de morte. Shariar era o rei da Pérsia que ao descobrir que fora traído por sua esposa, manda matá-la e, também, ao seu amante. Não ficando satisfeito com a vingança, decidiu desposar a cada noite uma virgem, mas na manhã seguinte o destino desta, também seria a morte. Sherazade, filha do vizir do rei,

encarregado de encontrar as virgens, pede a seu pai que fosse dada em casamento ao rei, pois ela considerava-se capaz de acalmar a sua fúria. Ao casar-se com rei, a princesa com sua voz melodiosa, conseguiu ir adiando a sua morte ao contar todas as noites estórias interessantes ao rei. A estória sempre era interrompida para que na noite seguinte fosse terminada e uma outra iniciada. Com essa estratégia, Sherazade mantinha a curiosidade do rei e a sua própria vida. Até que, após mil e uma noites a escutando, o rei constatou surpreso que seu ódio e amargura haviam desaparecido (AS MIL..., 2001). Assim, também se espera das primeiras “mil e uma noites” da sua “majestade, o bebê”, que a destrutividade ao ser enlaçada por Eros, esses primeiros investimentos de vida, sejam satisfatórios, para que um Eu arcaico com capacidade de seguir progredindo seja instaurado (TARRAGÓ, 2021).

3 HOSPITALIDADE AO ESTRANGEIRO

Se nas nossas origens, a libido vem do objeto, podemos dizer então que, antes de sermos sujeitos desejantes, é o desejo do outro que se faz hóspede em nós. Jacques Derrida, autor que se ocupou da hospitalidade, a define como “[...] acolher, da forma inventiva, acrescentando algo seu, (este que vem à sua casa, este que vem a si, inevitavelmente sem convite.” (DERRIDA; ROUDINESCO, 2004, p. 76).

Para a psicanalista Joyce McDougall (1996), a vida psíquica começa com a experiência que existe um corpo e um psiquismo para duas pessoas. Para o bebê, a mãe é uma mãe universo, um ambiente total. Sendo assim, com as fronteiras ainda inexistentes nos primórdios, este estrangeiro e seus desejos serão hospedados, mesmo porque é desta estadia que depende a sobrevivência do próprio sujeito. No entanto, ela não se dará sem angústias e sem traumas, pois[...] nas origens de um ser desamparado em termos biológicos e psíquicos, é inevitável que o pulsional seja sempre traumático.” (MACHADO; PAIM FILHO, 2005, p. 336). Essas indagações relativas à hospitalidade levam-me a refletir

sobre o ofício de psicanalista e sobre as qualidades que precisamos ter para exercê-lo. Assim sendo, penso na mente do analista como um lugar fértil e hospitaleiro, para que possa abrigar o outro, este estrangeiro analisando, que trará na sua bagagem suas dores, angústias e traumas.

Essa capacidade de hospedar, desde as nossas origens, é a essência passiva que provém do feminino, com sua aptidão para adiar, esperar, sendo estas as qualidades fundamentais do pensar (PAIM FILHO, 2014), são os atributos que o escritor Gabriel Garcia Márquez (2015), brilhantemente emprestou a seu personagem Florentino Ariza, no romance *Amor nos tempos do cólera*. Florentino esperou por 54 anos Fermina Daza, mas a espera não foi passiva, pois, apesar de sempre espiar a vida da amada, Florentino seguiu com a sua própria, tendo incluída nela romances calorosos. Arrisco a dizer que Freud apreciaria esta leitura, com direito a triângulo amoroso em meio a guerras civis e a epidemia de cólera na Colômbia do século XIX.

Talvez você já suspeite da minha identidade. Eu já disse: simpatia não tem nada a ver comigo. Muito ainda poderia ser dito, não só sobre mim, mas também sobre os humanos. Sobre os seus encantos e brutalidades; certezas e dúvidas. Os humanos ainda me assustam!

4 A TEORIA DE TUDO

Alguns dos maiores cientistas de todos os tempos, Kepler, Newton, Einstein, Heisenberg entre outros, dedicaram décadas das suas vidas buscando uma teoria que pudesse unificar os eventos do mundo material, um código Oculto da Natureza, uma versão científica da crença religiosa da unidade de todas as coisas. Nenhum deles foi exitoso (GLEISER, 2010). É claro, queremos saber mais do que os nossos olhos e a nossa mente conseguem alcançar... Na psicanálise e nas questões de que aqui me ocupo, referentes às origens do nosso psiquismo, uma teoria de tudo também não é possível, afinal a totalidade é a não verdade (ADORNO, 2009). No entanto, uma costura entre os eventos fundantes do universo arcaico, é palpável, sim. Diante disso,

vou agora apresentá-los a outros protagonistas que estão intimamente relacionados às cenas do nosso arcaico.

Vimos até agora que o nosso psiquismo, muito rudimentar, conta em um primeiro momento, com a passividade e uma disposição feminina originária para conter a calamidade da pulsão de morte e toda a sua destrutividade (PAIM FILHO; QUADROS, 2008). No entanto, esses atributos não são suficientes para evitar o estabelecimento de um trauma. Paradoxalmente, é justamente a existência de um trauma que viabiliza as condições para que o universo “[...] no que será o vir a ser a [nossa] alma [...]”⁵, as origens do nosso aparato psíquico, seja gestado.

A capacidade do masoquismo primário e erógeno de albergar o outro com o seu desejo, aliado aos desdobramentos dos destinos narcísicos pré-recalque, transformação do contrário e retorno sobre si mesmo, vão inserindo na psique inscrições que vão criar relações em vários graus de complexidade. As primeiras inscrições, frutos dos mais primitivos clamores e intensidades pulsionais foram nomeadas por Freud, na *Carta 52* (1896) de indicadores de percepção. Estes indicadores estão relacionados com a ideia de impressões, sendo incapazes de vir à consciência, apenas conseguimos associá-los por simultaneidade. Podemos tomar como exemplo o texto de *Leonardo da Vinci e uma lembrança da sua infância* (1910), onde essas primeiras impressões, que nos dão notícias do arcaico, provavelmente estariam ligadas com a sensação e presença do seio materno: “a cauda do pássaro em sua boca”. Essas impressões primordiais, se o trauma for estruturante, serão passíveis de figurabilidade. Transformar-se-ão em inscrições, depois em traço, e evoluirão para representação de coisa, um conjunto de traços interligados (MACHADO; PAIM FILHO, 2018).

Como você sabe, estou trabalhando com a hipótese que nosso mecanismo psíquico tenha se formado por um processo de estratificação: o material presente sob a forma de traços de mnêmicos fica sujeito, de tempos em tempo, a um rearranjo de acordo

5 PAIM FILHO, 2014, p. 72.

com as novas circunstâncias – a uma retranscrição (FREUD, 1896, p. 208).

A “Representação Coisa é o marco do inconsciente [...]”, não reproduz as coisas do mundo, mas sim o resultado do conjunto das impressões e traços (PAIM FILHO, 2014, p. 168). Assim, são os atributos da coisa que serão inscritos no psiquismo, sendo a coisa em si, uma eterna desconhecida (PAIM FILHO, 2014). À medida que temos uma quantidade maior das representações de coisa (Rc), forma-se uma malha representacional, um mosaico, contendo células do desejo, “[...] células psíquicas [...]” (VALLS, 2009, p. 529). Esta malha representacional, por abrigar a história do desenvolvimento sexual infantil, é responsável por fundar, em um primeiro tempo, o recalçamento originário. Desta forma, um tempo mítico (inconsciente não recalçado) vai cedendo lugar para um tempo histórico (inconsciente recalçado) (PAIM FILHO, 2014). Isso significa que o outro com o seu desejo, não será mais hospedado incondicionalmente.

Diante deste contexto, de forma hipotética, podemos dizer que em torno dos 3-4 anos de idade, temos o recalçamento originário efetivamente concluído e dá-se a primeira clivagem do psiquismo: inconsciente e pré-consciente/consciente. Seguindo esse processo de desenvolvimento, em um segundo tempo, com a resolução da conflitiva edípica, em torno dos 5-6 anos, o recalque propriamente dito (recalçamento secundário) é estruturado (PAIM FILHO, 2014). É a promessa narcísica que o ideal-de-Eu contém: “[...] não sou, mas vou vir a ser [...]”, que faz com que o sujeito se submeta diante da lei que o recalque secundário instala (PAIM FILHO, 2014, p. 64)⁶. O terceiro tempo, o retorno do recalçado, é fruto da presença de uma força representacional (*drang*), que pulsa buscando a satisfação. Podemos explicar este terceiro tempo à luz da hipótese da dupla inscrição⁷: o encontro, no pré-consciente,

6 Freud em 1914 diz: “Para o Eu a formação do ideal seria a condição para a repressão.” (FREUD, 1914b, p. 40).

7 “A hipótese da dupla inscrição remete ao postulado que uma representação coisa é inscrita no inconsciente recalçado, podendo ser re-transcrita no pré-consciente, evidentemente essa nova inscrição remete à inscrição originária, porém traz em configuração a marca interditoria do recalque [...]” (PAIM FILHO, 2014, p. 170).

da representação coisa, modificada pelo recalçamento-dupla inscrição, com a Representação Palavra produz uma Representação de Objeto. Esta Representação Objeto remete à função simbólica, a um universo de múltiplas significações (PAIM FILHO, 2014).

5 BURACOS NEGROS

*“o universo não é uma ideia minha.
A minha ideia de universo, é que é ideia minha”
(Fernando Pessoa)*

Os eventos acima são sucedâneos de um trauma estruturante, que nos conduz a sermos Édipo e a nos depararmos com a angústia de castração, nos colocando dentro de um universo do representável. Entretanto, antes deste espaço-tempo, nas nossas origens, somos Hamlet,⁸ confrontados com outra angústia, a de aniquilamento, com o desamparo, com a passividade frente ao mundo pulsional das origens e do irrepresentável. Posto isso, este universo arcaico, possui impressões que não conseguiram tornar-se traço e depois representação, pois são frutos de uma intensidade pulsional, que conduz a um trauma não estruturante. Essas impressões, sem condições de figurabilidade, são mantidas aprisionadas no núcleo do inconsciente não recalçado. Em estruturas que, com a proximidade e distanciamento inerente a toda a analogia vou permitir-me fazer, são semelhantes aos buracos negros do universo.

Os buracos negros são regiões no espaço-tempo em que a gravidade é tão intensa, que nada, nem mesmo a luz consegue escapar dele. Stephen Hawking (2001) afirma que mesmo que os indícios sobre a presença de radiação nos buracos negros sejam indiretos, os estudos indicam não só a presença das radiações, mas que elas seriam responsáveis pela fuga de energia dentro do buraco negro. Com esta perda energética, o buraco negro perde massa e diminui até desaparecer. A escuta

8 “[...] poderíamos afirmar que Édipo está para a neurose, o representável, como Hamlet está para o fronteiroço, o irrepresentável.” (PAIM FILHO, 2014, p. 172).

analítica, um *setting* continente, uma construção que faça sentido, não seriam as “radiações” necessárias para liberarem essas impressões aprisionadas, a(mal)g(amadas)? Quanto mais “buracos negros” existirem na constelação psíquica do inconsciente que nunca foi consciente, mais chances de a descarga pulsional dar-se no ato e no corpo do que ligar-se a uma cadeia representacional e transformar-se em palavras.

6 A ESPERANÇA

“Eu poderia viver recluso numa casca de noz e me considerar dono do espaço Infinito...”

(William Shakespeare)

“Hamlet talvez quisesse dizer que, embora nós, seres humanos, sejamos muito limitados fisicamente, nossas mentes estão livres para explorar todo o universo e para avançar audaciosamente até mesmo para onde a Jornada nas estrelas teme seguir [...]” (HAWKING, S., 2001, p. 69). Hawking foi um astrofísico, doutor em cosmologia e matemático que ocupou a cadeira de Isaac Newton⁹ como professor na Universidade de Oxford. Hawking também acreditava em uma teoria unificadora das leis do Universo. Esse grande cientista era portador da esclerose lateral amiotrófica, que o deixou paralisado em uma cadeira de rodas (HAWKING, 2014).

Podemos conjecturar que Hawking, apesar de ter uma grande limitação física que o sentenciou ficar aprisionado dentro da “casca de noz”, que era o seu corpo, possuía um universo interno que, ao expandir-se desde as origens, desde as primeiras intrincações pulsionais e primeiros traumas, possibilitou-o suportar tamanho desamparo e adquirir um aparato psíquico com uma cadeia representacional capaz de imaginar, fantasiar, sublimar...

Por meio de sua grande capacidade subjetiva e criativa, Hawking pôde criar teorias importantes que fizeram, tanto a ele quanto a nós,

9 Isaac Newton elaborou a teoria da gravidade entre 1665-1666 quando estava em isolamento durante epidemia de peste bubônica, na Inglaterra (NEWTON..., 2020).

voarmos mais além dos limites do nosso corpo, quem sabe até o espaço infinito. O poeta romântico John Keats, em uma carta a seus irmãos, datada de 21 de dezembro de 1817, afirma que a habilidade de suportar as incertezas, tida como a capacidade negativa, seria o atributo fundamental encontrado em homens como Shakespeare extremamente criativos (CHUSTER *et al.*, 2019).

“[...] , mas não posso mais entender como foi que pudemos ter desprezado a ubiquidade da agressividade e da destrutividade não eróticas e falhando em conceder-lhe o devido lugar em nossa interpretação da vida.”

(Sigmund Freud)

Voltando-nos novamente para o espaço infinito, ao olharmos todas as noites para o céu dos nossos grandes cientistas e pensadores, podemos até pensar que está tudo tão tranquilo lá em cima, mas na verdade somos iludidos pela grande longitude cósmica. O Universo não tem nada de calmo (GLEISER, 2005). Dentre os muitos fenômenos, podemos ressaltar que no Universo observamos destruição, transformação e o equilíbrio entre os planetas, sendo sustentados pelo jogo de forças entre a energia escura (expansão) e a força da gravidade (agregação).

No nosso universo interno, também encontramos destruição, transformação e forças antagônicas agindo sobre ele: a pulsão de morte e a pulsão de vida. “Assim como amor e ódio por uma pessoa habitam em nosso peito ao mesmo tempo, também toda a vida conjuga o desejo de manter-se e o desejo da própria destruição.” (FREUD, 1926, p. 9)¹⁰. Podemos concluir que a destruição faz parte das origens do Universo, da vida e do nosso psiquismo. “De todo o modo, viver é, sem cessar, morrer e rejuvenescer. Ou seja, vivemos da morte de nossas células, como uma sociedade vive da morte de seus indivíduos, o que lhe permite rejuvenescer.” (MORIN, 2015, p. 63).

10 Declaração feita em 1926 ao jornalista americano George Sylvester Viereck.

Você agora já tem condições de me aceitar, pois sem a minha silenciosa presença a sua vida não existiria. Somos eu e ela, morte e vida, as duas faces da mesma moeda. Meu último conselho, não se preocupe comigo, eu sou um fato! Um dia você será novamente poeira das estrelas...Ocupe-se com a vida, ela é o grande desafio...

Ao longo deste ano, tal como Freud no século passado, fomos surpreendidos com a observação das manifestações mais primitivas do ser humano. Em *O mal-estar na civilização* (1930), Freud enfatiza o quanto é difícil aceitar a inegável existência do mal e que a tendência à agressão seria uma disposição da pulsão primitiva e independente de todo o ser humano. A pandemia de 2020, nos fez testemunhas da presença e revelação de tal pulsão, mesmo onde ela era ausência e omissão.

Para nos tornarmos seres humanos e éticos, é necessário um longo percurso desde as nossas origens, com muitos encontros e desencontros pulsionais e árduo trabalho psíquico. Na busca dos primórdios do psiquismo, encontrei o tanático e a destruição, inerentes ao céu, a terra e ao humano. Muitas das questões abordadas aqui não puderam ser compartilhadas com poesia, pois são densas, primitivas e difíceis de apreender e de compreender, já que carregam consigo o irrepresentável, o inominável, aliados ao mistério do arcaico que ora se revela, ora se esconde, escancarando as nossas limitações.

Nesta jornada, na tentativa de transformar as questões das origens em representação palavra e representação de objeto, aceitei que a morte narrasse comigo esta história. Não tenho certeza se eu a convidei, mas, querendo ou não, ela sempre está presente. “A morte é a companheira do amor. Juntos eles regem o mundo [...]” (FREUD, 1926, p. 9). Para o escritor Gabriel García Márquez, a morte era uma armadilha, uma traição imposta sem nos dar escolha. Ele considerava o fato de a vida acabar como sendo algo muito injusto... Então, quando questionado¹¹ sobre o que seria possível fazer a respeito, respondeu: escrever, escrever, escrever.

Assim, sem pedir licença para o ganhador do Prêmio Nobel de Literatura, vou remeter novamente a seu romance *O amor nos tempos do có-*

11 Documentário Gabo: a criação de Gabriel García Márquez, 2015.

lera, e saquear suas últimas palavras. Nesses momentos finais, do livro e deste trabalho, temos um jovem comandante de navio testemunhando o reencontro de amor entre Florentino Ariza e Fermina Daza. Para que pudessem navegar a sós, apesar da cheia do rio, um rio que tenta sobreviver sob um leito de morte, Florentino pede que o mastro da bandeira do cólera seja erguido. Ao olhar para os dois amantes, o comandante observou nas pestanas de Fermina Daza “[...] os primeiros lampejos de um orvalho de inverno.”. Após, voltou seu olhar para Florentino Ariza e constatou “[...] seu domínio invencível, seu amor impávido, e assustou-se com a suspeita tardia de que **é a vida, mais do que a morte, a que não tem limites.**” (GARCÍA MÁRQUEZ, 2015, p. 431).

REFERÊNCIAS

- ADORNO, T. **Dialética negativa**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- AISENSTEIN, M. Trauma, destrutividade, imunidade e psicossomática. [**Correspondência eletrônica**]. Destinatário: Shafak Cafruni. Porto Alegre, 2019. Arquivo Pessoal.
- ANDRÉ, J. Nascimento da sexualidade humana. *In*: CENTRO DE ESTUDOS PSICANALÍTICOS DE PORTO ALEGRE. **Sexualidade**. Porto Alegre: Evangraf, 2016. p.112-124.
- BRIAN, D. **Einstein**: a ciência da vida. São Paulo: Ática, 1998.
- CARROLL, L. **Alice no país das maravilhas**. São Paulo: Moderna, 2010.
- CHUSTER, A. *et al.* **Capacidade negativa**: um caminho em busca da luz. São Paulo: Zagodoni, 2019.
- DERRIDA, J.; ROUDINESCO, E. **De que amanhã...**: diálogo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- FREUD, S. (1896). [Carta 52] 6 de dezembro de 1896. *In*: MASSON, J. M. (ed.). **A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess – 1887-1904**. Rio de Janeiro: Imago, 1986. p. 208-215.
- FREUD, S. (1910). Leonardo da Vinci e uma lembrança da sua infância. *In*: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. *E-book*. p. 37-83. (Edição standard brasileira, 11).

FREUD, S. (1917). Uma dificuldade no caminho da psicanálise. *In*: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. *E-book*. p. 84-90. (Edição standard brasileira, 17).

FREUD, S. (1919). Badgastein, 1.8.19: Villa Wassing. *In*: FREUD, S.; ANDREAS-SALOMÉ, L. **Correspondência completa**. Rio de Janeiro: Imago, 1975. p. 132-133.

FREUD, S. (1920). **Além do princípio de prazer**. Porto Alegre: L&PM, 2020.

FREUD, S. (1924a). O problema econômico do masoquismo. *In*: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. *E-book*. p. 92-101. (Edição standard brasileira, 19).

FREUD, S. (1924b). O problema econômico do masoquismo. *In*: FREUD, S. **O Eu e o Id, “autobiografia” e outros textos (1923-1925)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 184-203. (Obras completas, 16).

FREUD, S. (1926). O valor da vida [uma entrevista rara com Freud]. Entrevista concedida a George Sylvester. **Jornal da Brasileira**, Porto Alegre, v. 11, n. 2, p. 8-12, nov. 2009.

FREUD, S. (1930). O mal-estar na civilização. *In*: FREUD, S. **O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 13-123. (Obras completas, 18).

GABO: a criação de Gabriel García Márquez. Direção: Justin Webster. Produção: Kate Horne. Colômbia: IcarusFilms, 2015. (1h 29min).

GARCÍA MÁRQUEZ, G. **O amor nos tempos do cólera**. Rio de Janeiro: Record, 2015.

GAY, P. **Freud: uma vida para o nosso tempo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

GLEISER, M. **Micro macro: reflexões sobre o homem, o tempo e o espaço**. São Paulo: Publifolha, 2005.

GLEISER, M. **Criação imperfeita: cosmo, vida e o código oculto da natureza**. Rio de Janeiro: Record, 2010.

HAWKING, J. **A teoria de tudo: a extraordinária história de Jane e Stephen Hawking**. São Paulo: Única, 2014.

HAWKING, S. W. **Uma breve história do tempo: do Bing Bang aos buracos negros**. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

HAWKING, S. W. **O universo numa casca de noz**. São Paulo: Mandarim, 2001.

LEIBNIZ, G. **Princípios da natureza e da graça**. [S. l.: s. n.], 1714.

MACHADO, A. P. T.; PAIM FILHO, I. A. O trauma primordial na dialética do representável e do irrepresentável. **Psicanálise**: Revista da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre, Porto Alegre, v. 7, n. 2, p. 329-345, 2005.

MACHADO, A. P. T.; PAIM FILHO, I. A. Desconstruções e transformações: masoquismo: destino das pulsões – origem do sujeito. In: CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE PSICANÁLISE, 32., 2018, Lima, Peru. [Anais]. Lima: Fepal, 2018. Disponível em: http://www.congreso2018.fepal.org/uploads/trabajos_prepublicados/02_machado_pt.pdf. Acesso em: 29 nov. 2020.

MCDougall, J. **Teatros do corpo**: o psicossoma em psicanálise. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

AS MIL e uma noites. 11. ed. Tradução e adaptação em português de Julieta de Godoy Ladeira. São Paulo: Scipione, 2001.

MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo**. 5. ed. Porto Alegre: Sulina, 2015.

NEWTON criou Teoria da Gravidade durante quarentena de peste bubônica. **Galileu**, Porto Alegre, 22 mar. 2020. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Ciencia/noticia/2020/03/newton-criou-teoria-da-gravidade-durante-quarentena-da-pestes-bubonica.html>. Acesso em: 16 dez. 2020.

PAIM FILHO, I. A. **Metapsicologia**: um olhar à luz da pulsão de morte. Porto Alegre: Movimento, 2014.

PAIM FILHO, I. A.; QUADROS, V. A guerra e o repúdio ao feminino: Tróia como paradigma. **Revista Brasileira de Psicanálise**: feminino, São Paulo. V. 42. N. 4.p.99-109, 2008.

ROSENBERG, B. **Masoquismo mortífero e masoquismo guardião da vida**. São Paulo: Escuta, 2003.

TARRAGÓ, M. M. S. Ode ao masoquismo erógeno primário. In: CENTRO DE ESTUDOS PSICANALÍTICOS DE PORTO ALEGRE. **Pulsão de morte**: a inegável existência do mal. Porto Alegre: Evangraf, 2021. No prelo.

VALLS, J. L. **Diccionario freudiano**. 2. ed. Buenos Aires: Gaby Ediciones, 2009.

Between the universe inside a nutshell and that one inside us (the soul enigma)

ABSTRACT

This paperwork, which has the psychoanalysis as its background, intends to build bonds with the universe, life, and mind creation enigmas. Besides that, in light of Freud's theory, it aims to search for explanations, not only for our psychism but also for the importance of the acquisition of certain psychic qualities. These attributes are fundamentals for us to become human beings, ethicals and creatives.

Keywords: Origin of psychism. Libido. Pulse of life. Death drive. Primary erogenous masochism.

Recebido em 12/06/2022

Aprovado em 01/12/2022